

VIAGEM MINERALÓGICA NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

(Conclusão)

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA
e
MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Completamos, neste número, a publicação do precioso relatório de viagem dos ilustres irmãos ANDRADA, cuja parte inicial saiu publicada no n.º 16, correspondente ao mês de março.

A caminho de Itú. — Deixamos de todo Parnaíba a 3 de abril, às 10 horas da manhã, e, seguindo a estrada de Pirapora, quase três quartos de légua, tomamos à direita para ir ver o sítio chamado *Pôrto Geral*, onde passamos em canôa o Tietê. O rio, aqui, alarga-se muito. As margens pouco altas são desprovidas de expêssas matas, o que as torna muito agradáveis. É para lastimar que não haja uma ponte, para comodidade dos habitantes e béstas que vêm de Itú e seus arredores.

Desde que se passou o Tietê, entrando na estrada, vêm-se à esquerda as antigas minas de desmonte e de cascalho, o qual na parte em que se não mexeu tem a grossura de quase três braças. O cascalho ensaiado com a bateia deu boa pinta de ouro. Seria tanto mais fácil aproveitar aquela formação, por não ser quase necessário desmonte, que o cascalho é graúdo e pode ser trabalhado a seco, sem água por cima. O cascalho parece estender-se para ambos os lados e ao longo do Tietê. Há fragmentos de argila saponácea, misturada com alguma arcia. Prosseguindo o caminho, a menos de um quarto de légua, atravessamos três pequenos ribeiros, que nascem em uma pequena serra à esquerda. A areia de um deles, experimentada com a bateia, mostrou algum ouro. No lugar chamado *Cachocira*, fomos ver onde o rio de *Penunduba* desemboca no Tietê. Mais adiante toma o nome de *Jerubaíba*. Nasce na montanha de *Curuanda*. Reune-se a outro ribeiro, que vem do lugar chamado *Sítio Velho*. Rodeâmo-lo na direção de Penunduba, onde antes de chegar achamos um veio, que segue a estrada de Itú e cujo cascalho deu indícios de ouro. Passamos a noite na fazenda de Penunduba.

Na madrugada de 4 de abril, ensaiamos com a bateia alguns lugares das margens do Penunduba, que deram boas amostras de ouro. Dalí fomos ao salto, que o Vigário de Parnaíba tentou quebrar e que não acabou, deixando intata quase uma braça. A rocha do salto é de *gnais*, que já passa ao granito. Por causa da sua estratificação e dos repetidos veios que tem, seria facilmente aberto e nivelado inteiramente, si tivesse trabalhado com a cunha e martelo dos mineiros e, nas partes mais sólidas, com a broca. Teria valido mais que o Vigário tivesse cavado um leito lateral por onde encaminhasse o ribeiro;

ficando em sêco o salto, facilitar-se-ia muito o trabalho. Quatro mineiros habéis seriam suficientes para, em poucos dias, desviar o ribeiro.

Nas planícies que cercam o ribeiro, pesquisamos diversas vezes e tivemos indícios de ouro: e ajustamos que se preparasse tudo para novos ensaios, que projetávamos na volta de Montserrate, que é preciso não confundir com o monte de Monserrate, na ilha de São Vicente, de que falamos no princípio. No dia seguinte, fomos vêr uma antiga mina, que consiste em cascalho, ora cinzento, ora branco, e piçarra vermelha: deu alguns indícios de ouro. O cascalho é profundo, ainda que não tão grosso como o do *Porto Geral*. Deixando esta mina, tomamos à esquerda e chegamos ao sítio de *Voturante*, em cujas vizinhanças se ajuntam os dois ribeiros de *Guanguaçu* e de *Jundivira*, que com o nome dêste último se misturam no Tietê. Dêste sítio, através de matos virgens, fomos vêr a queda de *Guaiáú*, que desce das montanhas que dividem os dois distritos de Parnaíba e Jundiá.

Esta queda ou salto é considerável e tem mais de três braças de altura. Se se quizer quebrar, convém abrir um canal de derivação à direita, mais alto do que o que se começou e que, rodeando a vertente direita da montanha, vá acabar abaixo do salto. A rocha é de xisto argiloso, com muito quartzo. Dali, através de outros matos virgens, chegamos com grande rodeio a um pequeno fôssco, que sem dúvida foi abandonado porque se não achou ouro. As areias do leito do Guaiáú também o não deram. Dêste lugar, depois de novos rodeios, chegamos ao lugar de Montserrate.

Enquanto nos demoramos em Montserrate, nos ocupamos em alguns ensaios no lugar chamado *Aguada*, um pouco acima da povoação, e em outro lugar no caminho, perto do ribeiro. O primeiro deu-nos boa pinta de ouro, o segundo não deu tanto. Porém, mais acima, experimentamos um cascalho, que é o resto e a continuação das famosas minas de outro tempo. A parte superior deu pouco, mas a inferior deu mais; aquela é vermelha, a segunda branca, assim como a piçarra.

Continuamos o nosso caminho para o barranco chamado *da Lavagem*, necessitando abrir caminho através do mato. No princípio do caminho, pesquisamos alguns riachos que desembocam no ribeiro, um dos quais deu mostras de ouro. Subindo a colina, chegamos ao barranco da Lavagem, espécie de canal, que parece ter sido feito artificialmente e encaixado entre dois muros levantados sem argamassa: as margens foram em outro tempo exploradas. Passando-as, cheguei a um lugar em que se reúnem outros três ribeiros, igualmente contidos em muros de pedra ensonça. Deixando os dois da direita, fui ao da esquerda, onde antigamente se tirou ouro. Aqueles ribeiros nascem na serra de *Cururenulava*, que divide as águas que passamos das da fazenda de Japí. A sua vertente do lado de Montserrate, sendo muito aurífera, como vimos, é provável que o seu cumie e a sua vertente da banda do Japí igualmente o sejam, visto ser a mesma formação.

A antiguidade daqueles trabalhos me parece demonstrada pelo modo por que os régos estão abertos e encaixados, pela direção das lavras, direção agora desconhecida na Província, e pelas derrubadas que se fizeram naquelas antigas minas, derrubadas presentemente muito altas e que se assemelham a matas virgens. Descemos dali, seguindo o canal até onde se reúnem os ribeiros, passado o qual vi à direita um fôssco no monte, de mais de três braças de comprimento, sobre duas e meia de largo, pelo qual se entrava antigamente em um veio de quartzo, que corta o xisto argiloso.

Tendo examinado os arredores da *Montserrate*, voltamos para *Penudaba*, vêr a cata que tínhamos mandado fazer. O desmonte era de quatro palmos e o cascalho de três, que deu suficiente pinta d'ouro. O cascalho do contôrno (tendo sido a cata bem dirigida e segundo o método que estabeleci nas minas de Adiça, em Portugal) não exige para se aproveitar que o ribeiro se cave,



visto terem as cavas pouca profundidade e a planície pouca água. Dali fomos ao sítio de *Jundiuvira*. Atravessando um monte escarpado e mau, principalmente da parte de *Jundiuvira*, acabamos finalmente esta jornada, tanto mais trabalhosa, por ser feita com a escuridão da noite e por caminhos que se têm como intransitáveis.

No dia seguinte, 6, fomos vêr um grande corte, pelo qual se quiz encaminhar o Tietê, evitando assim uma grande volta, que êle faz, para pôr a sêco o seu leito e explorar aquele lugar, que é muito aurífero. A idéia era boa e bem concebida, porém foi péssimamente executada. Aquela abertura separa o cume do monte que rodeia o Tietê dos outros montes, que formam a serra; mas erradamente principiaram por onde deviam acabar, isto é, pela parte posterior, talvez porque era mais fácil o trabalho, porém depois foi-se estreitando cada vez mais a passagem, de forma que, entrando na rocha viva de uma camada de gnais granitoso, que tem 75 braças de largura, só se deu à base do canal 7 1/2 palmos, e 11 na superfície, como se o grande Tietê pudesse entrar pelo fundo de um funil e depois abrir o seu leito através na rocha dura e compacta.

Notamos um grande êrro naquele trabalho: a linha de direção final faz um ângulo quase reto com o curso do Tietê. Não me parece, contudo, difícil de emendar e acabar a obra começada, empregando mineiros hábeis. As grandes galerias dêste gênero em Saxônia e Hungria são tôdas abertas em rochas de igual dureza e que, demais, são subterrâneas.

Nesta excursão, perlongamos a serra de *Jaguaquara*, que se compõe de xisto argiloso, em que em diversas partes pousa uma camada de grês. Ensaíamos um cascalho miúdo de piçarra vermelha, que não obstante a sua miudeza nos deu algumas parcelas de ouro. Dois regatos nos deram o mesmo resultado, principalmente um, cujos seixos eram mais graúdos. Todos aqueles ribeiros, suas margens, seus arredores, assim como as vertentes da montanha, deviam ser pesquisados melhor e sentimos não ter tempo para isso.

Dirigimo-nos depois a um engenho, situado a uma boa légua de *Jundiuvira*. Nesta estrada, vimos vários bancos de grês, que cortam o caminho, e à pouca distância da habitação dois grandes veios de "grunstein" cinzento, manchado de verde, de grão fino e compacto, que atravessam e cortam os bancos de grês. Os sítios por onde caminhamos êstes dois dias são muito despovoados: não se acham nem casas, nem outra qualquer morada. O terreno quase todo não permite cultura e somente pouco dêle pode servir para a criação de gado; contudo, nos lugares em que vi as plantações de cana, milho, feijão, mandioca e algodão, davam bem; mas é tal a indolência, preguiça dos habitantes, que preferem viver como os árabes do deserto, do que cultivarem a terra. Se ao menos, para melhorarem os pastos, tivessem cuidado de queimar os matos e de os semear de bons pastos, poderiam aumentar os seus rebanhos, principalmente os bois, que são de boa raça, e fazer mais manteiga e queijos. Confesso, que nunca vi touros tão belos e tão robustos, como os da fazenda de Montserraté, e que agora me pertencem: os habitantes também podiam melhorar os cavalos e mulas, para cuja criação aquêles campos são muito próprios.

A 7 de abril, deixamos o engenho e tomamos a direção de Itú por um caminho, que a pouca distância se separa em dois, e tomando o da esquerda, atravessamos uma ponte, a pouco mais de uma légua do Tietê, mais mal construída e menos forte que a do Parnaíba. Até ali a rocha é o mesmo gnais granitoso, que à primeira vista se assemelha ao "grunstein", pelo grão e côr. Seguimos o caminho até subir tôda a serra do Japí, de que avaliamos a distância ser de sete ou oito léguas, desde Jaraguá até ao lugar ondulado e desigual em que está situada a vila de Itú, a qual separa, com o vale em que corre o Tietê, a serra do Japí e a serra mais baixa do Pirapora, que parecem correr entre si paralelas, e com a do Mar ou de Paranapiacaba.

Antes de descer da montanha para as colinas, achamos algumas porções de cascalho, que merecem ser examinadas, porém a falta de água nos privou de usar de bateia. Nas colinas, a poucas distâncias, aparecem novos cascalhos, principalmente do lado do ribeiro de Perapitingui e na subida do caminho da vila. Desde a ponte do Tietê, a cada passo se acham veios de quartzo branco e algumas vezes xisto argiloso em grandes camadas, que serve para lagear as casas.

Partindo do engenho, vimos ser mais habitado o terreno, ter mais cultura e, ao mesmo tempo, não pudemos deixar de sentir a falta de bosques. Todas as antigas matas foram bárbaramente destruídas com o fogo e machado e esta falta acabou em muitas partes com os engenhos. Se o governo não tomar enérgicas medidas contra aquela raiva de destruição, sem a qual não se sabe cultivar, depressa se acabarão todas as madeiras e lenhas; os engenhos serão abandonados, as fazendas se esterilizarão, a população emigrará para outros lugares, a civilização atrasar-se-á e a administração da justiça e a punição dos crimes cada vez experimentarão maiores dificuldades no meio dos desertos.

Em Itú e vizinhanças — Pernoitamos dois dias em Itú e a 10 de abril voltamos a examinar as minas, que havíamos deixado atrás, perto do ribeiro de *Perapitingui*, assim como outras formações de cascalho que estão situadas à esquerda, perto do barranco, que não deram nenhum sinal de ouro, à exceção de uma pequena porção de cascalho perto de uma nascente, que nos deu uma parcela de ouro. A formação geral de todo o terreno até Itú é de xisto argiloso, de aparência primitiva, em que pousa ou assenta o grês, que em algumas partes passa a uma brecha ferruginosa.

Durante os dois dias, que descansamos em Itú, soubemos que alguns habitantes desta vila preparavam uma expedição ou bandeira para ir comprar índios Caiapós, hordas que habitam as margens do Paraná, vizinhas da embocadura do Tietê. São governadas por caciques ou chefes eletivos, com exceção de uma mais entranhada no interior, que é governada por um conselho de anciões.

Entre aqueles há alguns que foram civilizados e incorporados nas vilas da Província de Goiás, mas que, irritados das vexações do governo português (1) fugiram e voltaram ao estado selvagem. Contudo, esta pobre gente (2) está pronta a reunir-se em povoações, sujeitando-se às nossas leis, logo que os vamos buscar e que lhes demos morada. Vivem, agora, em paz conosco e desejam que se aumente o tráfico que com eles fazem os habitantes das vilas de Itú e Porto Feliz. O governo devia favorecer isto, ainda que no princípio perdesse, evitando, contudo, que os pais vendessem ou trocassem os

(1) O tradutor respeitando e tolerando as convicções e opiniões dos outros, nunca contudo sacrifica as suas próprias, sente que o A. (mas não é ele, e sim o que redigiu este escrito) que nunca teve motivo de queixa, antes de gratidão, mostre depois tanto rancor e ódio pelo nome português. Para que declamações vagas, que nada exprimem, nem significam! O passeio público, o museu, lagôa de Rodrigo de Freitas, edifícios, estradas, as pontes que há (que não são de madeira), etc., etc., tudo é dôsse tempo calamitoso português e depõe contra a ingratião e injustiça dos que o negam. A que não nos arrasta o desejo de popularidade, de lisongear o povo! diremos com Bernardes:

*O bom espirito que pretende fama
Ser louvado do povo não deseja,
Que sempre ao menos sábio mais a fama.*

(2) É para admirar a caridade e extremo amor, que é moda, mostrar-se e ter-se para o estado selvagem. A estes só se gabam e estimam. Não posso deixar de transcrever o que dizia o grande Napoleão:

“Os Ideólogos fizeram mais mal à França do que todos os Jacobinos, Anarquistas e Setembrisadores. Os Ideólogos principalmente fizeram matar os brancos nas colônias e inventaram uma palavra (filantropia), que fará correr mais sangue do que todas as guerras da religião”. *Que la philanthropie est une chose à craindre!* (Les Phil. art. II sec. 1)

filhos por machados, facas e outras ridicularias; não se mudasse em escravidão, mas sim em uma espécie de domesticidade temporária. A sorte daqueles índios, assim como a dos de Guarapuava, no distrito de Curitiba, merece toda nossa atenção, para que não ajuntemos ao tráfico vergonhoso e desumano dos *desgraçados* filhos da África o ainda mais horrível dos *infelizes* índios de que usurpamos a terra e que são livres, não só conforme a razão, mas também pelas leis.

O estado de abandono da vila de Itú se mostra pelo desleixado da Câmara Municipal, que não só se não ocupou de fazer calçar as ruas e caminhos, mas que os deixa cheios de atoleiros, barrancos e lagos.

Este desleixo é entretido e aumentado pelas idéias supersticiosas e fanáticas, que uma parte do clero da vila prega ao povo e que têm muitas vezes sido causa da destruição das famílias, da corrupção da mocidade e do afrouxamento do espírito público (3).

A 12 de abril, partimos de Itú e fomos vêr a grande cascata ou salto do Tietê. Antes de occupar-nos em descrever as nossas descobertas mineralógicas, diremos que o terreno em que assenta a vila é todo de argila silicosa, mais ou menos ferruginosa, ali chamada *massapé*, e que é a mais própria, principalmente a de côr violeta, cinzento e vermelho escuro, para a cultura das canas de açúcar. A um quarto de légua da vila, no caminho da cascata, atravessa-se uma estrada cortada por "grunstein" que passa ao basalto, semelhante em côr e no grão, ao que vi em Kinacula, na Suécia. Daqui o mesmo *massapé* continúa até perto da cascata, onde se principiam a ver solitários rochedos de granito, porém chegando ao salto o granito é contínuo e superficial. Aí o rio se separa em três braços e faz duas ilhas, por onde passa uma ponte mal feita e arruinada. A cascata é muito pitoresca, por causa das rochas quebradas e escarnadas, que formam diversas figuras e diferentes e curiosas vistas, e pela queda do Tietê, que depois se divide em dois braços, um dos quais se precipita de mais de três braças de altura. A queda d'água continúa a formar redomoinhos e espuma até mais de 50 braças, onde o rio se ajunta, e entra no seu leito. Do lado direito tentou-se abaixar a corrente, para facilitar aos peixes poderem vencer o salto, porém não se concluiu a obra. A direção da cascata é quase do NNO a SSE.

A algumas centenas de braças acima do Tietê, do lado esquerdo, reconhecemos um sítio chamado *Lavra*, cujo nome (e os restos de um canal ou rêgo) nos indicou que antigamente ali se tirou ouro. Uma excavação que fizemos descobriu uma camada de cascalho, que está ao nível do ribeiro e se entranha pelo seu leito. O cascalho é fino e solto, composto de seixos cobertos de quartzo e xisto argiloso; deu sufficiente sinal de ouro. Se se estender em ambos os lados do ribeiro para o interior da terra pode ser produtivo. O esmeril, que fica no fundo da bacia, é pouco magnético, mas contém muito daquele metal branco, de que já falei, e que parece ser *Iridium*.

Em Itú separei-me de meu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Fiquei na vila para continuar o meu caminho para Sorocaba e a fábrica de ferro de Ipanema, e êle partiu para Piracicaba, pelo caminho, que atravessa a cascata. Referirei o resultado daquelas observações mineralógicas.

Na região de Piracicaba — Passando a cascata e a capela de N. S. de Montserrate, que se eleva na margem direita do Tietê, o caminho para a freguezia de Piracicaba (hoje vila da Conceição), corri de SO a NO. Acima da subida da capela para a estrada vê-se o grês ferruginoso, com alguns pedaços de ferro argiloso. Na descida para os ribeiros *Buirí*, *Atuaí*

(3) Outra declamação da moda. Esta culpa têm os que ordenam padres sem instrução, nem costumes e, ainda pior, os empregam nas igrejas.

e outro sem nome, vi nas margens, à superfície, grês esbranquiçado; perto de outro ribeiro, subindo para o lugar de *Samambaia*, vi "grunstein", que também aparece no lugar do *Carneiro*, duas léguas quase distante do rio Capivarí. O grês branco torna a aparecer no ribeiro das Caveiras e no da Água-Parada. Na fazenda do *rio das Pedras*, notei o xisto argiloso em que assenta o grês ferruginoso acima mencionado, cortado por veios de quartzo branco. Passada a fazenda do *Lumiar* e nas terras da do *Taquaral*, acha-se uma formação de xisto silicoso, que algumas vèzes passa a pedrreira. Esta formação continúa com pequena interrupção até perto da casa, onde reaparece o "grunstein" de côr preta, de grão mais ou menos grosso, passando a basalto. Há aqui um salto do *Piracicaba*; e na superfície do chão aparecem pedaços de xisto silicoso, azul escuro e negro. O terreno de tôda a estrada, além das rochas já descritas, é de massapé violeta escuro e de outras côres. Os ribeiros que o cortam são o Buirí, Atuaí, Forquilha, Capivarí, o das Caveiras, Água-Parada e das Pedras, e outros que não têm nome. As margens do Piracicaba são perto da freguezia de São João de Atibaia, e as do Capivarí chegam às alturas contíguas à vila de Jundiá. Estes dois ribeiros descarregam no Tietê. Antes de chegar ao Capivarí, não há bosques continuados, mas passado êle, afora boas madeiras de construção, como o caburama, peroba, sucupira, segurajá, contém outras boas para a medicina e marcenaria, como a copaíba, pau d'alho, almacega ou goma clemí, jacarandá, jaracatia, etc.

A freguezia de Piracicaba se eleva em uma colina, de onde, por uma suave descida, se chega ao rio, perto de sua quoda. A vista é magnífica. É neste sítio que passa a estrada dos belos campos de Araraquara, onde já se formaram várias criações de gados, que fornecem e dão grandes esperanças. A vila, que é muito moderna, contém no seu recinto e arredores perto de três mil habitantes. Esta população cada vez mais crescerá, pela afluência contínua dos habitantes das vilas mais antigas. A grande distância em que esta freguezia se acha das vilas de Itú e Pôrto-Feliz, a cuja jurisdição pertence por falta de justiça municipais, animava a impunidade dos crimes, e decidiu a junta do governo de São Paulo, à qual eu pertencia em 1821, de a erigir em vila com municipalidade e juiz ordinário.

O principal ramo de cultura é o açúcar, que por ano já monta a 20.000 arrobas; o mais é milho, feijão, óleo de mamona, gados e porcos. As terras e os pastos são bons. Os engenhos eram vinte e cinco, e agora é provável que muito se tenham aumentado.

Não nos esqueçamos de que o rio *Curimbataí* daquela vila tem banhos termais chamados *Água Santa*. Outras águas termais se acham na colina chamada das *Araras*, mas a falta de caminhos e de casas, faz com que não sejam mais frequentadas. Meu irmão fez vir algumas garrafas, arrolhadas para analisar, o que não pudemos fazer por causa dos acontecimentos políticos, em que nos achamos envolvidos. No salto, na margem esquerda do ribeiro, também há uma fonte de água fria sulfúrica (4). Possuo fragmentos recolhidos na Água Santa, que estão rodeados de pedra líquida, com pequenas parcelas de pirita ferruginosa, e das margens do Curimbataí um pedaço de pedra calcárea, côr de fumo, de estrutura xistosa, que parece formar um banco entre o xisto grauváquico côr de cinza, de que também tenho um pedaço (5). Finalmente, do lugar chamado *Capitão Comandante*, a légua e meia distante da vila, tive amostras de estalactite calcárea. Pelo que, posto que os montes e colinas da Província de São Paulo sejam rochas primitivas, o país não é, como se colige, privado de pedra calcárea, porquanto, além dos

(4) Talvez seja férrea que se queira dizer. Felizmente são raríssimas as águas sulfúricas.

(5) Neste período parece faltar alguma palavra, porque não se entende, não se sabe de que são os fragmentos e pedra líquida o que é.

lugares que ficam mencionados, há excelentes mármore calcáreos (6), na ribeira de Iguape e nos campos de Curitiba.

Não tendo podido meu irmão, por falta de tempo e maus caminhos, prosseguir as suas descobertas até à colina de Araraquara, procurei ter notícias exatas. Soube que a distância da vila até ao fim dos campos de Araraquara é de sete léguas e que o monte forma um grande cône que divide as águas, parte das quais desce para o rio Mogí-guaçu, e a outra para o Tietê; que subindo-o do lado de Piracicaba, se descobrem imensas planícies, que se estendem até ao Mogí, com insensível pendio. Os ribeiros que nascem uns nos campos, outros daquêlê lado do monte e que deságuam à direita do Tietê, são: 1.º, o Jacarépipira; 2.º, o Jacaréguaçu, que é formado dos ribeiros do Feijão, Taiquaré Primeiro, Pinhal, Munjolinho, Correntes, Chibarro, Ouro, Cruzes, Bajédo, Bocaiuva e do Taiquaré Segundo. Os rios e os ribeiros, que nascem do lado oposto e vão descarregar à esquerda do Mogí, são: o Quilombo, o da Fortaleza, Cabeceiras, Rancho Queimado, Monte Alegre, da Fazenda do Amaral. O ribeiro de João Rodrigues emboca no Paraná. Não mencionamos outros riachos pouco importantes, mas não deixaremos de mencionar o Carimbataí, que nasce ao pé daquêlê monte e deságua no Piracicaba.

Uma tradição, antiga e constante e em alguns pontos novamente verificada, diz que aquêlê monte é aurífero, assim como o ribeiro das Cruzes e Piracicaba. Ouvi a uma pessoa verdadeira, que os pastores do Major Carlos de Arruda Botelho, cuja fazenda é encostada ao monte de Araraquara, têm algumas vezes achado, em diversos pontos da sua extensão, folhetas (7) de ouro de 10 a 12 onças. Igualmente ouvi, que há muito ouro e diamantes nos rios Jacarépipira e Jacaréguaçu. Quando se aumentar a população daquêlê distrito e feito caminhos, aquêlê monte e os ribeiros, que dêlê descem, merecerão um exame sério e miúdo.

Na região de Sorocaba. Ferrarias de Ipanema — Enquanto meu irmão divagava por Piracicaba, para de lá tornar a Sorocaba, onde nos devíamos encontrar, parti a 20 de Itú para aquêlê último lugar. O caminho por que fui atravessa um terreno ondeado, entremecado de planícies e vales; as aberturas que se encontram são poucas e fechadas por ribeiros e barrancos, que cortando a piçarra ou massapé, mais ou menos próprios para a agricultura, conforme a mistura e a côr, penetram até a rocha viva e contínua que é de grês, mais ou menos grosso, de côr mais ou menos branca. A falta de animais faz com que aquêlê campos, posto que com bons pastos, não sirvam para grande criação de gado. Em algumas partes há viviros de enfiadas palmceiras, chamadas *Indaiás*, que dão côcos do tamanho de uma noz, da mesma forma e contextura dos côcos grandes da Bahia, e de que não só se faz doce, mas também, pisando-os, uma espécie de farinha de que usam os habitantes. Servem-se das folhas para cobrir as choupanas e têm a existência daquele arbusto como sinal evidente de esterilidade.

A cultura daquêlê vasto campo até Sorocaba é quase nenhuma, ainda que há muita terra boa para mandioca e prados artificiais e principalmente para o algodão, que plantado de estaca, sem enxada nem estreme, prospera e ajunta a qualidade à quantidade. Na primeira légua e meia depois de Itú, há matas e capoeiras que depois são mais raras.

A vila de Sorocaba tem a reputação de ser habitada por gente boa e hospitaleira. Nas mulheres há o verdadeiro tipo ou modelo da beleza. Como muitas outras da província, fazem com que o sexo paulista seja citado em todo o Brasil pela regularidade das suas feições, sua boa figura e esbelta estatura,

(6) Sendo verdadeiros mármore, necessariamente são calcáreos.

(7) São mais do que folhetas, são granetos.

côr de jasmim e rosas, e sobretudo pela amabilidade e bondade do seu caráter. A vila está assentada em lugar bem arejado. Aos seus pés corre o *Sorocaba*, que pode servir para alguma navegação. Os habitantes sustentam-se dos produtos da agricultura e tiram grande lucro do comércio das bestas e gados que vêm do Sul, que se vendem ali para São Paulo (8), Minas Gerais, Rio de Janeiro e até Bahia e Maranhão.

A 21 visitei a fábrica de *Ipanema*, situada nos lados do *Monte de Ferro* ou de *Birassoitara*. Extraía-se ali antigamente ouro, se se acreditar nos escritos dos Jesuítas e na obra do holandês Lund.

A rocha, que forma os lados do Monte de Ferro é de grês mais ou menos branco, coberto às vezes de uma camada de piçarra avermelhada e fácil de cavar. O monte é de granito comum, de grão ora grosso, ora fino. Sobre o granito há o mineral de ferro magnético no cimo da montanha; embaixo acham-se pedaços do mesmo mineral, que desabou, e que, para se aproveitar, só precisa apanhá-lo e conduzi-lo. O mineral está misturado, às vezes, com a mina de ferro luzidio de Werner. É muito rico, porque pelo ensaio dá quase 90 por 100 de ferro metálico. Entre o granito há camadas de xisto argiloso e hornblenda comum, maciço, a que os habitantes imprópriamente chamam *pedra-verde*. Vi também alguns pedaços de pórfiro verde e outros de opala comum, muito semelhante às de Telcobânia, em Hungria. Ignoro o seu jazigo e nem o pude indagar. Esta opala, cheia de calcedônia branca, será proveniente de algum veio que atravessa o granito?

É no grês, que se fizeram os canais e alicerces da fábrica, que quanto aos edifícios, a pedraria e madeira, são de magnificência inútil. Um grande erro me espantou, na construção do canal de esgôto. O seu alto nível não pode dar pronto esgôto às águas, que muitas vezes ameaçam inundações. O edifício compõe-se de duas fábricas: uma, chamada a fábrica sueca, consiste em quatro fornos de fusão e precipitação, chamados em alemão "blaccofen" (9), os quais têm nove palmos de alto e podem dar em 24 horas seis arrobas de ferro.

Foi este o único resultado do saber do diretor sueco e dos mineiros, que vieram da Suécia, com tanta despêsa, e que por tão pouco consumiram e desperdiciaram tanto tempo e dinheiro (10). A outra fábrica tem dois fornos altos, pegados um ao outro, com as necessárias forjas de refino. Não especificarei o estado em que achei o estabelecimento, porque o fiz em uma memória que apresentei à Junta do novo governo de S. Paulo, em 1821. Oxalá que os acionistas seguissem os meus conselhos, únicos que os podiam livrar da ruína!

Na região de São Roque e Cotia — Em Sorocaba, veio se me juntar meu irmão, que voltou de Piracicaba; e a 28 de abril partimos para São Paulo, por caminho diferente daquele, por que fomos. Mandamos adiante os criados, pela banda da freguezia de São Roque, onde devíamos pernoitar, e tomamos para a Capela de *N. S. da Aparição*, em cujas vizinhanças se nos disse, que se achou um pedaço de pedra, que, fundida por um ourives, deu seis onças de prata. Antes de chegar e passado um riacho, na subida que o segue, encontramos um pequeno veio superficial, que com a bateia deu bastante esmeril, porém nada de ouro. A mesma formação se prolonga até a Capela. Na vizinhança do riacho, vimos frequentes veios de quartzo, alguns

(8) *Difficile est esse probum*, diz Plutarco, e agora o experimento; tendo por causa da fidelidade e exatidão do tradutor de enumerar o Eldorado Santos donde não haverá uma dúzia de bestas, e demais figurando como província.

(9) Parece-nos estar errado este nome, porque não sabemos haver forno algum assim chamado, mas sim — *blechofen* — Forno de chapear — *Fourneau à platiner*.

(10) O mesmo aconteceu em Portugal. Vejam-se — *Apointamentos para a História das Minas em Portugal*, pelo ajudante servindo de intendente geral das minas. Lisboa, 1824.

consideráveis. A mesma Capela é edificada sobre um dâles, que tem quase braça e meia de grossura, mas cujos fragmentos, pisados e examinados, não deram indício algum de metal e ainda menos de piritas de ferro ou de mineral de prata.

Desenganados do nosso inútil exame, descemos por uma estrada, que tem pouco mais ou menos légua e meia, e que conduz perto do ribeiro de *Nhanátva*, onde entramos na boa estrada que, passando por São Roque, continúa através da freguezia de Cotia até São Paulo. Nesta jornada, coberta parte de capoeiras, parte de matas-virgens, com algumas casas espalhadas: no fim da primeira meia légua, o terreno principia a formar outeiros e profundos vales, que são regados por alguns riachos, muito distantes uns dos outros. A pouco mais ou menos uma légua, de repente, se nos apresentou uma rocha de granito de grão grosso, que forma um pequeno cumc. Prosseguindo o caminho, achamos uma formação de grauavaco comum e xistoso, que parece assentar imediatamente no granito. Esta formação continúa pela estrada, que tomamos, logo depois de passar o ribeiro de *Prejebú*. O grauavaco passa ao xisto arenoso e ao grês mais ou menos corado, e é cortado por grande quantidade de veios, de quartzo branco e cinzento. Entre êles, vimos um grande veio ou, para melhor dizer, uma massa irregular (*Stock* dos alemães), de mineral de ferro argiloso que passava a hematites brúnea e a ferro espático.

Não há agricultura por êstes sítios, afora em *Prejebú* e nos arredores da freguezia de São Roque. Esta última povoação nos pareceu haver-se aumentado em tamanho e povoação. Vêm-se muitas casas novas. A povoação da freguezia do distrito é de 2.300 almas, que vivem da agricultura, e que em outro tempo colhiam muito trigo e centeio.

A 29 de abril, partimos de São Roque e tomamos a estrada da Cotia. Logo no princípio dela se vêm grandes rochas nuas, de sienito granitiforme, apresentam um aspécto porfírico por causa dos muitos cristais de feldspato branco, que as cobrem. O grão daquele sienito insensivelmente diminui de tamanho, de forma que em diversas partes do caminho se diria ser verdadeiro "grunstein", enquanto em outras toma certa dureza, como o xisto. Sobre o sienito há grandes massas de xisto silicoso, penetrado de veios de quartzo. Em outras partes, a cor é quase preta e tem poucos sinais de quartzo.

Prosseguindo, e quase no meio do caminho das duas freguezias, vimos outra vez o granito semelhante ao acima referido. O granito continúa por um longo espaço e perto da freguezia da Cotia passa a gnais. Todo o resto do caminho está cheio de piçarra vermelha, amarela, sem formação de cascalho.

Desde Sorocaba até aqui achamos menos ribeiros, menos nascentes, posto que a estrada passe por matos-virgens e capoeiras. Cumpre dizer que, no primeiro dia de jornada, os campos por que se passa, pela altura e escalvado, não tendo árvore alguma, a não ser nos profundos barrancos, são de um aspecto romântico e apresentam belos vales com arvoredo, que contrastam com a aridez do campo. De uma eminência, vê-se a grande extensão, que acaba no cumc daquela serra de montes, que parece ser a continuação ao sul da serra do Mar ou de Paranapiacaba.

A estrada desde São Roque e mesmo de *Prejebú* a São Roque é muito boa, cercada de capoeiras e matas, cuja variada vegetação se mostra rica e prodigiosa. Muitas daquelas árvores, por causa das suas magníficas flores, podiam figurar nos jardins e parques, principalmente uma, que parece ser da espécie dos plátanos, e outra, cujas fôlhas antes de cair se fazem umas vermelhas, outras amarelas.

A freguezia da Cotia é situada em uma colina, de que se desce a um ribeiro rodeado de arbustos, particularmente de goiabeiras e araçás; a população é quase de mil habitantes.

A 30 partimos da Cotia para São Paulo, onde chegamos, depois de andar sete léguas. O caminho não apresentou mudança alguma, quanto às rochas, mas é alegre principalmente na passagem do *rio dos Pinheiros*, que pela sua frescura e beleza convida aos habitantes de São Paulo a irem passear às suas margens. Assim se terminaram as nossas excursões mineralógicas da vila de Santos.

Conclusão — Para se fazer melhor idéia do terreno que percorremos nesta viagem, em que várias vezes saímos da estrada, tanto para um, como para outro lado, fazendo muitas voltas, daremos aqui as distâncias em linha reta. De Santos a São Paulo — 12 léguas; de São Paulo à freguezia de Santo Amaro — 2; a Jaraguá — 4; a Parnaíba — 7; a Itú — 11; a Sorocaba — 6; a Piracicaba — 12; a São Roque — 6; a Cotia — 6; daqui a São Paulo — 7. Cumpre observar que aquelas léguas são muito grandes e excedem às de Portugal de 17 1/2 por grau.

Segundo esta descrição, é fácil de formar idéia do estado da agricultura e indústria na província de São Paulo, da fertilidade e riqueza do seu território. Não é só no distrito aurífero de Parnaíba e seus arredores, que existem minas de ouro, umas ainda intatas, outras, antigamente, apenas exploradas, antes que os paulistas descobrissem os campos de Minas-Gerais, Goiás e Mato-Grosso, e deixado a sua terra, para ir povoar e ali apanhar ouro e diamantes. Nos confins de Iguape e da Serra do Mar, entre as minas, agora quase abandonadas, de Paranapanema e de Piauí, há um grande distrito aurífero, que promete muito, e cujo centro é o território do Iporanga. Este vasto distrito estende-se desde a riba do mar, rios e ribeiros, que correm abaixo do Iporanga, tais como o Vaporanduba, Pilões, Taquari, Juquiá, Assungui, São Lourenço, Batatal e outros, acima do Iporanga até à vertente do grande rio de Iguape. Também existe outro grande distrito aurífero e diamantino, na extremidade meridional da província, nos campos de Curitiba. Este distrito compreende o rio Verde, Caxumbú, Tibagi, que recebe os ribeiros da Faisqueira, Prata, Rio Alegre, da fortaleza de Santana, Borges, Santa Rosa e outros. Além destes distritos gerais, sei, e é muito provável, que as facés e os lados da Serra do Mar, principalmente na parte ocidental, que corre do N-S pela província de São Paulo, são mais ou menos auríferos; porque aquella Serra do Mar ou de Paranapiacaba, continuação da *Serra dos Órgãos*, que vai acabar passada a província de Santa-Catarina, fazendo um cotovelo a Este do rio Paraná, principia já a sê-lo na província do Rio de Janeiro, como o provam as minas de Cantagalo; e na sua continuação, houve minas na parte chamada a serra dos Guaramumís, as minas de Santiago e Santa Cruz, a quatro ou cinco léguas das costas. Tenho por informações particulares, que vindo do Rio de Janeiro por um atalho ou picadas para a vila de São Sebastião, e dali para São Paulo, acham-se ribeiros auríferos, e no sítio chamado Pinga-Pinga bons diamantes.

Na prolongação da Serra, na província de Santa Catarina, cita-se como famoso na tradição dos antigos habitantes o monte chamado *Taió*. A outra serra do Japí, que é a continuação da da Mantiqueira, na província de Minas-Gerais, e que se vai reunir à Serra do Mar, na célebre queda das *sete cascatas do Paraná*, também é aurífera em algumas partes e merece ser explorada. Esta única província de S. Paulo, sendo povoada e civilizada, formará um grande estado, visto que pela variedade do seu clima, sendo parte entre os trópicos e outra fora dêles, pela abundância de madeiras e dos seus campos, pelos inumeráveis rios e ribeiros, em grande parte navegáveis, pelas riquezas de ferro, ouro, diamantes, outros metais e pedras preciosas, é realmente um dos países mais privilegiados do globo e uma obra prima da benfazeja natureza. Acrescente-se, que a raça branca, que o habita, é das mais belas e

fortes da América Meridional. Foi a ela e aos índios conquistados pelos paulistas devida a descoberta e a povoação dos vastos desertos do Brasil. Aos paulistas se devem os primeiros habitantes do Rio de Janeiro, Minas-Gerais, Goiás, Cuiabá, Mato-Grosso, Santa-Catarina e Rio Grande do Sul.

Nas diferentes guerras, desde a primeira colonização do Brasil até agora, sempre o valor dos paulistas se assinalou, e mesmo hoje, foi da província de S. Paulo que saiu o primeiro grito de liberdade e independência do Brasil.

(Transcrito da obra *Dicionário Geográfico das Minas do Brasil*, de FRANCISCO IGNACIO FERREIRA — Imprensa Nacional, Rio, 1885, pág. 341 a 364.)